

## AS REFEIÇÕES SAGRADAS: O PROGRAMA PAULINO DE REINO DE DEUS EM OPOSIÇÃO AO PROJETO IMPERIAL

*Juliana B. Cavalcanti<sup>1</sup>*

### RESUMO

O presente artigo visa à luz do conceito de patronagem (Wallace-Hadrill) refletir sobre o projeto paulino de Reino de Deus, que a níveis ideológicos se apresentava igualitário e contrário ao Império Romano. Para isto tomaremos como base de análise a da passagem 1Cor 10, 14-22 que retrata sobre as refeições sagradas.

**Palavras-chaves:** Reino de Deus, patronagem, Paulo, Coríntios, Império Romano

### ABSTRACT

This article aims to light the concept of patronage (Wallace-Hadrill) reflect on the project of Pauline Kingdom of God, which is the ideological levels showed equal and opposite to the Roman Empire. For this analysis we will build on the passage of 1 Cor 10, 14-22 on portraying sacred meals.

**Keywords:** Kingdom of God, patronage, Paul, Corinthians, Roman Empire.

---

<sup>1</sup> Graduada em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu trabalho monográfico intitula-se “Disputas e formas de poder na comunidade paulina (Corinto, século I EC)”, sob a orientação do professor André Chevitaese. De que também foi bolsista de iniciação científica da FAPERJ. Mestranda pelo programa de História Comparada da UFRJ com o trabalho intitulado “Os círculos paulinos: um estudo comparativo entre a comunidade coríntia e a comunidade de Éfeso”. Editora da Revista Jesus Histórico e Sua Recepção.

## I - INTRODUÇÃO:

Quando Paulo redige a primeira epístola aos coríntios em meados do século I EC o que se pode observar é que nesta comunidade havia dois distintos projetos de reinos que a níveis ideológicos rivalizavam-se entre si. Mas que quando se pensa em aplicabilidade a diferença entre eles já não se verifica. Falamos dos projetos romano e paulino. O projeto de Reino de Deus de Paulo tal como foi proposto nesta epístola se apresenta como uma sociedade de iguais, ou como diria Paulo uma comunidade de “santos”, sendo diretamente opostos ao “mundo” (Império Romano). Neste modelo a profissão de fé – como veremos mais a frente – era fé expressa na aliança, na não violência, na justiça e na paz.

O projeto romano ou imperial, por sua vez. Detinha uma lógica que previa uma sociedade altamente hierarquizada, onde o topo desta pirâmide social estava o imperador e sua família. Inclusive, os indivíduos para gozarem das benesses providas do império deveriam estar permeados nestas estruturas. As componentes desta fé eram: a piedade, a guerra, a vitória e a paz.

Para garantir a consumação do projeto paulino se fazia necessário construir a ideia de unidade e pertencimento por parte dos indivíduos a célula maior que proporcionava toda a estruturação do projeto: Jesus Cristo. Esta ligação ao projeto e consequentemente a Jesus Cristo era feita por diversas formas. Uma delas era por intermédio da eucaristia: a refeição sagrada.

A análise comparativa entre os modelos será norteados pela perícopes 1Cor 10, 14-22:

14.Eis por que, meus bem-amados, deveis fugir da idolatria.  
15.Falo a vós como as pessoas sensatas: julgai vós mesmos o que digo. 16.O cálice de benção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? 17.Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desde o início. 18.Considerai o Israel segundo a carne. Aqueles que comem as vítimas sacrificadas, não estão

em comunhão com o altar? 19. Que quero dizer com isto? Que a carne sacrificada aos ídolos seja alguma coisa? 20. Não! Mas, aquilo que os gentios imolam, eles o imolam aos demônios e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios. 21. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. 22. Ou queremos provocar o ciúme do Senhor? Seríamos mais fortes do que ele?

A opção por esta perícopes se dá pelo fato de que neste fragmento Paulo por intermédio da refeição sagrada sintetiza seu projeto a nível ideológico. Deixando claro que para pertencer à comunidade de ‘santos’ era necessário romper com a lógica imperialista. Neste sentido, o presente artigo, buscará elucidar brevemente o *euangelion*<sup>2</sup> (boa nova) romano e o paulino enquanto propostas, pelo véis da eucaristia.

## II – PATRONAGEM, UM CAMINHO

Antes de adentrarmos ao tema proposto neste artigo, se faz necessária a definição do conceito norteador para a leitura comparativa entre os projetos teológicos paulino e romano. Fala-se no conceito de patronagem.

Wallace-Hadrill (1989), demonstra que o sistema de patronagem era essencialmente político, ocorrendo em todos os níveis de relações: vertical e horizontal. Ou seja, era um sistema desigual de trocas de serviços e favores entre indivíduos do mesmo nível social e jurídico (como entre os senadores) ou de estamentos distintos (um escravo e seu senhor e/ou um proprietário de terras e homem livre pobre). A relação de troca sempre era desigual, pois o patrono sempre estava em uma condição superior ao seu cliente, por oferecer proteção e benefícios,

---

<sup>2</sup> O emprego pelo termo em grego se faz necessário para a distinção entre a literatura chamada evangelho.

este último por sua vez sempre estava abaixo por dever respeito e favores ao seu patrono. Esta relação garantia o acesso ao *status* e ao prestígio.

A patronagem era amplamente empregada no Império Romano, sendo este o fator de garantia da coesão da sociedade e preservando a autoridade ao imperador, como o grande protetor e benfeitor do império. Império este em que o corpo administrativo tinha um poder limitado (por conta até mesmo de seu tamanho) e com uma autoridade dispersa, contribuindo para amenizar os possíveis conflitos oriundos destas divisões e desigualdades.<sup>3</sup>

Na cidade de Corinto, a patronagem também enquadrava as relações entre os indivíduos da mesma. Para além do fato de integrar a colônia ao restante do império, também possibilitava que as benesses de Roma chegassem a Corinto. Benesses estas não só provindas diretamente do patrono maior (o imperador), mas também, das autoridades locais que ansiavam estabelecer relações com Roma. O que acabava por ampliar os potenciais de força e poder destas autoridades. Além disto, este mesmo sistema ainda orientava todas as relações sociais: vertical e horizontal vigentes na colônia. A comunidade cristã de Corinto também estava imersa nestas relações como verificaremos nas cartas paulinas (como por exemplo: 1Cor 1:12-13).

### **III – O EUANGELION ROMANO, UM PANORAMA:**

Na comunidade coríntia de meados dos anos 50 do século I EC temos a conformação de dois *euangelion* ou dois programas teológicos. De um lado, apresentava-se o programa romano. De outro, temos o programa de Reino de Deus configurado por Paulo. A partir de termos como ‘eleitos’ e ‘mundo’, Paulo deixa claro que seu

---

<sup>3</sup> É válido recordar que esta era uma relação de interesses mútuos e que havia outras formas de obtenção de direitos. Em que indivíduos pobres do meio rural ou das periferias urbanas se valiam do banditismo ou formavam relações entre seus próprios familiares, o que implicava grandes arranjos familiares. Porém, por serem estruturas frágeis e não patrocinadas pelo Império acabavam por quase sempre terem pouco impacto nesta sociedade. Ver: WOOLF; GARNSEY, 1989, 153-170.

programa se propunha como rival ao projeto instaurado por Augusto. Neste tópico nos preocuparemos em apresentar um panorama do programa romano.

O *euangelion* ou boa nova instaurada por Augusto inaugura a chamada Idade Áurea. Crossan e Reed (2007) afirmam que este programa previa a propagação e legitimação do poderio de Roma frente ao seu vasto império por intermédio da religião. Em outras palavras, seus principais objetivos eram a restauração, a expansão e a consolidação de um vasto território por vias religiosas. O culto imperial empreendia também o culto ao imperador e de sua família. Dado que, a centralização e as benesses proporcionadas pelo império eram lidas antes de tudo como fruto da presença na terra e dos atos do *divus* Cesar Augusto.

A teogonia romana era encabeçada pelo imperador, o patrono máximo. Fato este comprovado pelas vitórias em campanhas militares e pelas justificativas astrológicas. O patrono máximo era, assim, o ser responsável pela existência e pela possibilidade da disseminação das benesses existentes no império. O direito ao acesso a estas benesses provinha da demonstração de lealdade ao Império e ao imperador por intermédios de cultos. A assimilação destes cultos era facilitada, dado que, a postura do império era agregacionista. Isto é, era comum a mistura de cultos de divindades locais conjuntamente com o culto ao imperador (CROSSAN; REED, 2007, 100).

Sahlins (1985) neste sentido nos relembra que os sentidos e as organizações de projetos e objetos estão interligados as compreensões preexistentes da ordem cultural. Neste sentido, a teologia imperialista atuava de forma sempre agregadora e intensificadora de seu poder a todos os indivíduos que pertenciam àquela sociedade, já que ela estava diretamente dialogando com os suas lógicas culturais próprias. Em outras palavras, para além de potencializar as vias de se garantir a lealdade ao imperador e a estabilidade ao império, uma vez que o sistema de dominação era sempre resignificado (CROSSAN; REED, 2007, 137).

Mais do que isso, estes cultos ao imperador e ao império garantiam as estruturas sociais. Onde aqueles que provinham obras públicas em nome do imperador eram os primeiros a receber as benesses. Como importantes posições em suas cidades ou mesmo a garantia de obtenção de titulações. Os estamentos mais baixos da sociedade sentiam as bênçãos por intermédios dos festivais e obras que eram promovidas em suas localidades. Neste sentido, estas benesses eram percebidas de distintas formas.

#### **IV – A EUCARISTIA, UMA SÍNTESE DO PROGRAMA DE REINO DE DEUS:**

O *euangelion* paulino de Reino de Deus previa a obtenção da paz por intermédio de uma sociedade de iguais; seja ela por jurisdição seja por *ethos*. Onde, assim, não haveria nem judeus nem gregos. Nem livres nem escravos (1 Cor 12:13). A igualdade entre os membros e a ansiada paz provinha do senhor de Paulo. Jesus Cristo, a cabeça do grande corpo que representava as comunidades das casas-igrejas de Corinto.

Os membros que compunham estas casas-igrejas. Recorriam a alguns rituais ou signos para iniciarem e permanecerem conectados ao seu senhor. Havia a eucaristia, o batismo e a própria cruz. A conexão com a cruz era tamanha nesta comunidade paleocristã de forma generalizada que Elliot (2004) chega a propor a ideologia destes grupos estava calcada numa teologia da cruz. Ou seja, na crença de que seu patrono máximo havia sido crucificado e ressuscitado.

Mas talvez, o elemento que melhor síntese o programa de Reino de Deus de Paulo na primeira epístola aos coríntios é a eucaristia. Era nas refeições sagradas que o mito do senhor de Paulo era lembrado e revivenciado pelos membros da comunidade. Além de garantir a interligação direta entre os mesmos com Jesus Cristo.

Theissen (2009) nos lembra que o rito é uma construção de sinais em três formas diversas: (a) linguagem simbólica narrativa construída por mito e história, (b) linguagem simbólica normativa composta de imperativos e expressões valorativas e (c)

uma linguagem simbólica ritualística formada. Neste sentido, a eucaristia sintetizava toda a teogonia paulina. Mito este que se constituía no ato de lembrar que Jesus Cristo era o filho de Deus. E que em prol de um projeto de reino igualitário havia tido uma morte de cruz. Uma morte que não representava a derrota, mas a vitória. A vitória provinda sem a guerra.

As expressões valorativas se configuravam por intermédio de recursos que facilitavam o acesso dos indivíduos ao patrono máximo. Como o cálice, carne e pão. Funcionando assim, como mecanismos de união e distinção. Como fica explícito na perícopes que é norteadora para este texto 1 Cor 10:14-22.<sup>4</sup> Desta forma, mais do que um meio de interligação a linguagem ritualística com as suas expressões valorativas eram úteis e necessárias para aprofundar uma dimensão anti-imperialista do projeto de Reino de Deus.

Em outras palavras, um projeto que para se legitimar como tal necessitava também constituir categorias de alteridade: ‘nós’ e ‘eles’. Em que o ‘nós’ eram aqueles que abriam mão do ‘mundo’ para se alimentar do “único pão” para constituir um “único corpo”. Enquanto o ‘eles’ eram aqueles que compartilhavam da “comunhão dos demônios”. De um corpo que em níveis de projeto era extremamente hierarquizado.

Todavia, ao nos voltarmos para a historietta do corpo expressa em 1 Cor 12: 28-29 verificamos que no âmbito da aplicabilidade este corpo não se faz igualitário. Mas permeado de hierarquias:

28. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores... Vêm, a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas.  
29. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? 30. Todos têm o dom de curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam?

---

<sup>4</sup> Perícopes expressa na segunda página do presente artigo.

Percebam que Paulo afirma apesar da comunidade ser de iguais por uma instituição, segundo ele divina, a Igreja continha diversos cargos. Cargos estes que estavam em patamares diferentes. Onde os primeiros seriam os apóstolos. Por conseguinte os profetas e assim por diante. Neste sentido havendo uma prática ou tentativa de controle do sagrado. Onde apesar de todos estarem de alguma forma interligada miticamente ao senhor, mas nem todos estariam autorizados a terem acesso direto à cabeça desse corpo espiritual.

Neste sentido, o que se configura na comunidade é uma dupla dimensão do projeto de Reino de Deus. De um lado, um projeto anti-imperialista que busca a todo custo se distanciar do projeto imperial. De outro, temos um projeto no seu nível prático ou constitucional que acaba por abarcar uma série de hierarquizações. Hierarquias estas que acabam por evidenciar um pleno diálogo com a teologia imperial.

## **V – CONCLUSÃO**

Com base nas exposições anteriores o que se pode concluir é que o conceito de patronagem é essencial para uma leitura que se pretende distanciar dos filtros teológicos que acabam por sacralizar a documentação. E que acabam por impedir que se vislumbre a complexidade que é expressa na primeira epístola aos coríntios.

Outro elemento que se pode concluir é que o projeto paulino de Reino de Deus deve ser pensado em duas dimensões: ideológico e prático. Para que assim possa se repensar até que ponto este modelo proposto por Paulo estava de fato se distanciando do romano. E em que sentido era interessante para Paulo se configurar tal modelo. Para além de refletir sobre as implicações de constituir um modelo antagônico ao romano.



## DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOCK, Susan E. *Graecia Capta: the landscapes of Roman Greece*. New York: Cambridge University Press, 1993.

BORING, M. Eugene. *The continuing voice of Jesus: Christian prophecy and the gospel tradition*. Louisville: John Knox Press, 1982.

CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo. Ensaio sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.

CROSSAN, John D; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ENGELS, Donald. *Roman Corinth: an alternative model for the classical city*. Chicago: University of the Chicago Press, 1990.

FITZMYER, Joseph A. *The Anchor Yale Bible: First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven: Yale University Press, 2008.

HORSLEY, Richard. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

MITCHELL Margaret M.; YOUNG, Frances M. *The Cambridge History of Christianity. Volume 1: Origins to Constantine*. New York: Cambridge University Press, 2008.



MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *St Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Good News Studies 6; Wilmington, DE: Glazier, 1983; 2nd revised and expanded edition, 1992; 3rd revised and expanded edition, 2002.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

SMITH, Morton. *The secret gospel: The discovery and interpretation of the secret gospel according to Mark*. Dawn Horse Press; 3th edition, 2005.

THEISSEN, Gerd. *The social setting of Pauline Christianity: essay on Corinth*. Oregon: Fortress Press, 1988.

\_\_\_\_\_. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

WALLACE-HADRILL, Andrew. *Patronage in Ancient society*. New York: Routledge, 1989.

**Artigo Recebido em: 30 de junho de 2013.**

**Aprovado em: 30 de janeiro de 2014.**

**Publicado em: 30 de abril de 2014.**